



Andrea Beltrão

dramaturgia
SILVIA GOMEZ

direção
YARA DE NOVAES

participação
CHICO BF

realização
BOA VIDA e QUINTAL PRODUÇÕES

TEMPO DE

“Há mil formas de acreditar na vida. Como existem mil formas de destruí-la – pelo medo, pela covardia, pelo individualismo, pela vaidade.

Bem-aventurados os que sabem dignificá-la em atos e práticas que somente a história julgará (...).”

Mércia Albuquerque em trecho do julgamento de Gregório Bezerra, em 1967

É a tal coisa.

Andrea Beltrão

Ando péssima com datas, mas acho que Yara e eu começamos a procurar uma peça no início de 2023.

Se for isso mesmo, estamos trabalhando juntas há um ano.

Eu procurei por ela cheia de vontade e nenhuma ideia concreta. Ela já estava com a Mércia na cabeça.

Vamos convidar a dramaturga Sílvia Gomez para escrever a peça. Ela vem. Os verbos serão sempre no passado, no presente e no futuro.

E aí, é o tal negócio.

Contar e recontar uma história, muitas e muitas vezes, é uma maneira de impedir que o horror aconteça de novo.

O silêncio só interessa aos que deveriam ter sido julgados, mas não foram. O silêncio é parceiro do medo.

Contar a história para seu amigo. Contar a história para seu filho, que contará para seu neto, e assim por diante.

Mércia escreveu um diário. Quando se escreve um diário, eu acho, espera-se que ele seja lido em algum momento.

Um diário guarda vários segredos e um deles é o desejo secreto de ser encontrado.

Escrevi vários diários, mas queimei todos. Eram a minha ladainha particular. Não tinham nenhum valor.

Mas o diário da Mércia é um documento. É história. E a vida dela também está escrita ali.



No palco comigo, está meu filho Francisco com suas músicas e seus sons. Mas estão também todas as pessoas que criaram esta peça. São muitos criadores, cada um a sua maneira e no seu ofício, afetados pela história que escolhemos contar juntos.

Porque fazer teatro, para mim, é tentar afetar o maior número possível de pessoas com as alegrias e com os sofrimentos que nos tocam. Que sejam dez pessoas, ou mil, não se sabe.

Fazer teatro é levantar o tapete e deixar o que está escondido aparecer, receber luz.

Porque enquanto a gente se lembrar, existe a esperança de mudar o rumo da história.

No teatro, eu levo os meus mortos comigo, na minha memória e no meu coração.

Porque o teatro é sempre muito gentil com os fantasmas. E aí, estamos todos vivos outra vez.

Contando nossas histórias.

Eu dedico esse trabalho ao Aderbal Freire, o maior contador de histórias do teatro brasileiro, do mundo, do Teatro Poeira.

E para Marieta Severo, sempre.

**Yara de Novaes,
diretora.**

Conheci Mércia Albuquerque mais a fundo em 2021, quando atuei no filme “Zé”, de Rafael Conde, sobre José Carlos da Mata Machado, cuja história foi narrada no livro “Zé - José Carlos Novais Da Mata Machado. Uma Reportagem” (Edições Mazza), de Samarone Lima. Por meio de Roberto Monte, do Centro de Direitos Humanos e Memória Popular, no Rio Grande do Norte, soube dos diários em vias de publicação. O tempo do teatro é estranho, às vezes é tão lento que só chega no espetáculo seguinte, às vezes nasce antes mesmo de nascer e às vezes nos surpreende. Não foi premeditado, mas simbólico como este espetáculo encontrou seu tempo para estrear neste ano, 2024, marca de 60 anos do golpe de 1964. Curioso também como essa noção de tempo permeou o nosso processo, como se o diário, a todo momento, nos perguntasse: como estão as coisas aí, no futuro? Ou como se nos fizesse girar, encontrando pessoas desaparecidas, mães aflitas, telefones berrando o horror, campainhas expectantes, cachorros latindo, crianças chorando, canalhas, necrófilos, tarados impunes. Recife, Rio, Paraisópolis, Serra Leoa em coro recitando Castro Alves em tribunais imaginários:

“Existe um povo que a bandeira empresta Pra cobrir tanta infâmia e covardia!...”

Relembrar e imaginar são modos de agir. A imaginação é um eixo da realidade pois ela liga o fato, o concreto, a significados e valores que dão sentido à vida. E o diário de Mércia nos ensinou: ela foi uma mulher que, acima de tudo, agia. E imaginava. Caso contrário, teria desistido diante das tantas atrocidades presenciadas.

Assim vejo em cena Andrea Beltrão: uma atriz agindo plenamente, atuando em exuberância, inextinguível, ousada e mentora. Sempre confluindo seus valores individuais com a concretização da cena que imaginou. Sempre em paridade com a matéria cênica. Um alumbramento. Vê-la exercendo seu ofício diante de seu filho Chico, ter a ajuda dele para levar ao palco os diários de Mércia Albuquerque concretiza, para mim, o sentido político de Lady Tempestade.

Quando pensei na autora Silvia Gomez para a equipe de criação, sabia que ela seria a dramaturga perfeita para uma empreitada de tanta responsabilidade. A dramaturgia da Silvia estabelece uma relação de rigor com o histórico e abre fendas de percepção, criando novas zonas de subjetivação, o que, para um tema como a Ditadura civil-militar no Brasil, é algo fundamental. Afinal, estamos em presença, imaginando um novo país, falando de um passado que não passou.

Valencia Losada e Verônica Prates, as meninas tão formidáveis da Quintal Produções, também trabalham nessa tensão propulsora do Teatro, são produtoras que se desembaraçam da produção e percebem o Teatro como uma vocação espiritual, política, humana. Por isso, estão sempre correndo perigo.

Murillo, Dina, Sarah, Ricardo (o inventor), Marie, Tuta, Alice, Nana, Dani, Bruna, Fabio, Bleque são parceiras e parceiros imprescindíveis e a quem agradeço pela camaradagem, pela confiança e por serem tão maravilhosos no que fazem.

Falecida em 2003 após paradas cardíacas, a advogada Mércia Albuquerque foi uma mulher intrépida de um tempo a não esquecer. Um diário escrito no passado, mas em conversa com o presente de um país que não cessa de repetir seus apagamentos e injustiças.

É aqui, neste presente, que agradecemos aos seus registros e a imaginamos, muito viva e brilhante.



Quando um diário esconde um segredo maior do que todos os segredos que esconde: o desejo de ser encontrado

Silvia Gomez,
dramaturga.

Não sei se já aconteceu com você, mas, às vezes, digitando uma mensagem no telefone, escrevo a palavra *MÃE* e encontro outra: *MAR*. Eu sei que é porque a letra R fica ao lado da letra E naquele minúsculo teclado digital, mas isso sempre me surpreende. No dia 6 de setembro de 1973, numa folha de diário, Mércia Albuquerque (1934–2003), nossa Lady Tempestade, anotou:

“(…) e mentir a uma mãe eu não minto, prefiro ficar em silêncio”.

Nesse coração do mundo que é o coração de uma *MÃE*, nesse *MAR* silencioso, foram escritas muitas das palavras de Mércia, uma das maiores defensoras de presos políticos no Brasil durante a Ditadura civil-militar. Esta é uma peça sobre ela, mas não se trata de sua biografia ou da reprodução literal de sua vida, e sim de uma invenção, uma ficção tendo como material principal o diálogo livre com os diários redigidos por ela sobretudo nos anos de 1973 e 1974, registro publicado em 2023 pela Editora Potiguariana no livro “Diários 1973–1974. Escritos por Mércia Albuquerque Ferreira, maior advogada de presos políticos do Nordeste”. Inspiraram esta dramaturgia também outras fontes, como entrevistas com o editor da publicação Roberto Monte, a jornalista e prima de Mércia, Eliane Aquino, e o escritor Samarone Lima, que nos ajudou com seu livro “Zé - José Carlos Novais Da Mata Machado. Uma Reportagem” (Edições Mazza) e áudios de arquivo gravados por ele com Mércia Albuquerque no ano de 1993. Além de outros livros, documentários, artigos e estudos sobre a época e sobre Mércia, como “Ditadura militar e resistência legal: as memórias de Mércia Albuquerque através do seu diário (1973)”, de Angela Moreira Domingues da Silva, e “A Toga e a Espada: Mércia Albuquerque e Gregório Bezerra na Justiça Militar (1964–1969)”, de Tasso Araújo de Brito. Bravos guerreiros do registro da nossa história, a eles e elas a nossa saudação, assim como à juíza Andréa Pachá e à escritora e ensaísta Helena Vieira, que trocaram conosco no processo. E às companhias preciosas de Valencia Losada e Verônica Prates (Quintal Produções), Murillo Basso e Chico Beltrão, tão em diálogo durante a escrita, um relato em uma voz. Ou duas. Ou muitas.

Uma dramaturgia pensada para Andrea Beltrão e Yara de Novaes, duas mulheres grandes demais, fortes, furiosas de talento e inteligência, plenas de seu ofício. Indefinível presente do Teatro vê-las em ação, tempestades como nossa Lady, que, no dia 27 de outubro de 1974, anotou: “Mamãe sempre ajudou aos filhos e educou a todos; mulher terna e acomodada, totalmente diferente de mim. Enquanto sou tempestade, ela é bonança”.

Nenhuma bonança, no entanto, encarar nossa História no diário de Mércia, essas folhas escritas a caneta que desejaram ser encontradas mais de meio século depois e adiante. Foi do fundo de um grande coração que elas falaram. Como a concha que levamos junto ao ouvido para escutar em segredo a voz do *MAR*.



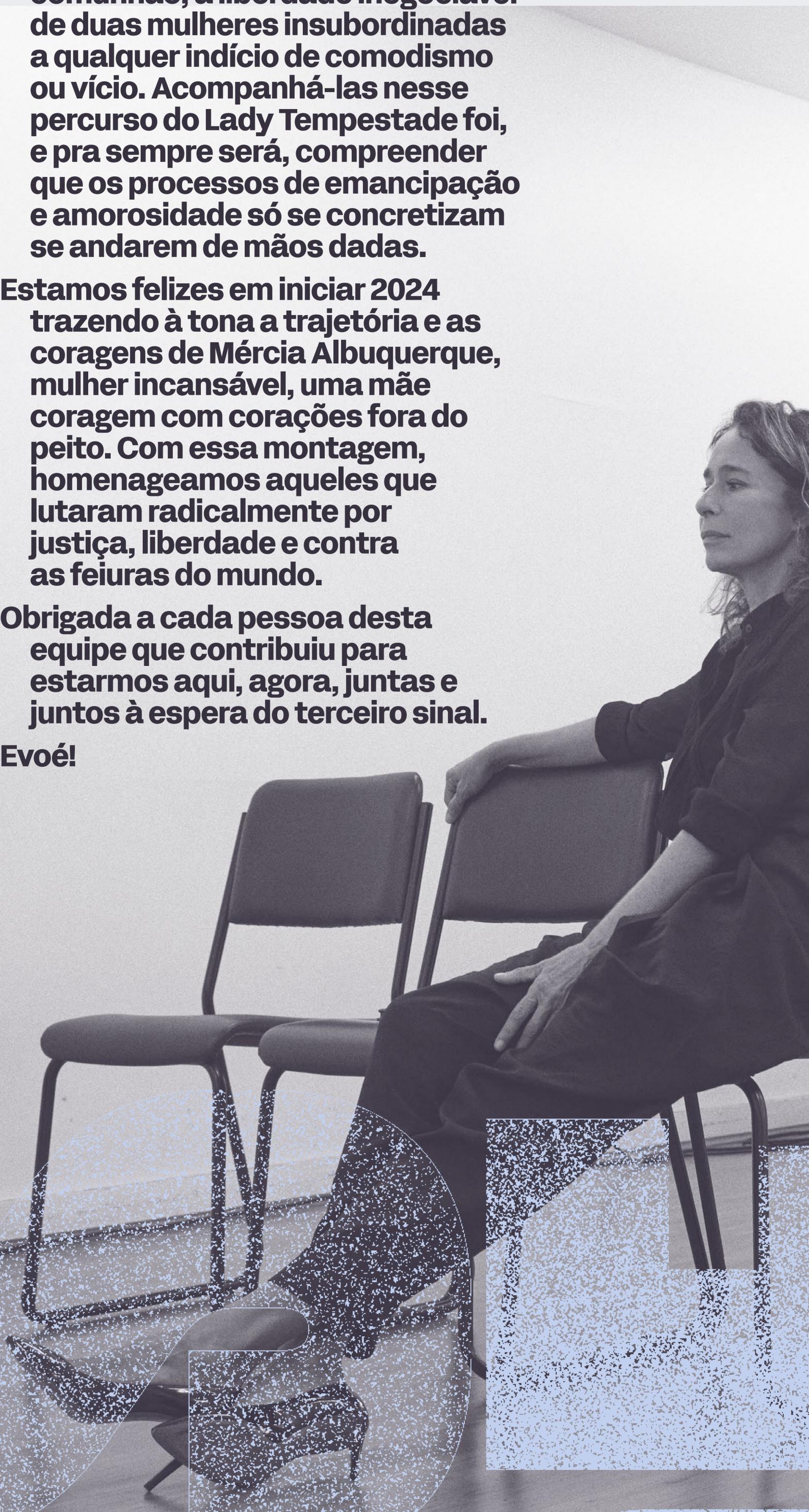
Quintal Produções

Há uma força gravitacional que opera de maneira espantosa quando um encontro promove inteligência, leveza, tensão desenfreado e uma busca constante por aquilo que, em breve, será uma peça de teatro. Estar em sala de ensaio com Andrea Beltrão e Yara de Novaes nos trouxe tal percepção, de quão poderoso é testemunhar o criação, a comunhão, a liberdade inegociável de duas mulheres insubordinadas a qualquer indício de comodismo ou vício. Acompanhá-las nesse percurso do Lady Tempestade foi, e pra sempre será, compreender que os processos de emancipação e amorosidade só se concretizam se andarem de mãos dadas.

Estamos felizes em iniciar 2024 trazendo à tona a trajetória e as coragens de Mércia Albuquerque, mulher incansável, uma mãe coragem com corações fora do peito. Com essa montagem, homenageamos aqueles que lutaram radicalmente por justiça, liberdade e contra as feiuras do mundo.

Obrigada a cada pessoa desta equipe que contribuiu para estarmos aqui, agora, juntas e juntos à espera do terceiro sinal.

Evoé!



Mércia: a prima bem-humorada, a heroína destemida e a advogada da liberdade

Eliane Aquino, jornalista,
prima de Mércia Albuquerque

Nasci nos anos 60 e cresci no fervilhar de uma Ditadura Militar em nosso país. Criança e adolescente no interior de Alagoas, de classe média, filha de um coletor federal que também foi um comerciante próspero em nossa cidade, São José da Laje, as arbitrariedades do regime ditatorial me chegavam em conta-gotas, uma conversa aqui, outra ali, mas todas as informações para mim sempre tiveram uma tutela: minha prima advogada, Mércia Albuquerque.

Filha de minha tia Luzinete, irmã mais velha de meu pai, Mércia sempre que vinha de Recife em visita à família, parava em nossa casa para falar de política com o meu pai - um democrata por convicção -, e contar sobre as censuras, perseguições, prisões ilegais, torturas e mortes praticadas pelo governo brasileiro. Quanto mais eu crescia, mais me aproximava desse mundo de terror que Mércia relatava e que ao nosso redor nunca nos era visível.

Eu comecei a ler mais, a tentar identificar quem, nessa movimentação política em favor da vida e da liberdade, poderia me ajudar a conhecer a fundo o regime político que nos era imposto. E Mércia era o meu espelho, o meu reflexo, a minha referência na pouca cidadania que o Brasil aparentava ter. Em 1978, fiz vestibular de Direito porque queria seguir o exemplo dela, de sua coragem e de seu amor à liberdade plena. Como Mércia, eu queria defender o país de seus abutres, de seus assassinos, de seus predadores.

A Dra. Mércia, a advogada do enfrentamento direto à Ditadura, era também colo e abraço para os familiares de seus clientes. Acolhia fraternalmente em seu apartamento, no Edifício Ouro, no Centro de Recife, mães, pais, filhos desesperados com as prisões ilegais, espancamentos até a morte e desaparecimentos de muitos de seus parentes. E ela absorvia cada dor, como sua. Não era com a frieza quase sempre natural da advocacia, que ela se jogava na defesa de seus clientes, o que a movia era, bem além, o seu coração generoso e a sua alma materna ao amparar cada uma daquelas pessoas, cada uma daquelas famílias.

No apartamento 52 do edifício Ouro, 5º andar, nunca faltou um café, um chá, uma fatia de bolo, uma sopa e, principalmente, o acolhimento daquela advogada de presos políticos, advogada das minorias, advogada da liberdade e da justiça social.

Conta-se que ao saber que seu irmão Sandino tinha sido preso com outros militantes, Mércia foi ao Dops de Recife. Mandaram que ela entrasse na prisão e levasse seu irmão. Ela encontrou, junto com Sandino, um líder camponês procurado pela Ditadura e que ainda não tinha sido identificado pela polícia política. Estava ali, como mais um jovem estudante preso em uma manifestação. Mércia levou o líder, o colocou em um lugar seguro, e só então voltou para buscar o irmão. Ouviu queixas de minha tia, sua mãe, durante muito tempo por ter deixado Sandino na cadeia por alguns dias.

Aos domingos, em plena opressão política, Mércia ia assistir Dom Hélder Câmara celebrar missas e, na hora da comunhão, dava um jeito de passar um bilhete para ele. Ali havia alguma orientação sobre um ou outro militante que precisava do apoio do Padre para fugir do estado, ou se esconder. E ao final do recado, uma recomendação: “queime este papel”.

O irmão mais velho de Mércia, Pedro, (homenagem ao nosso avô Pedro Batista, ferroviário e comerciante) era militar. Não comungava com ela de sua luta contra o regime comandado pelo exército, mas nunca a criticou diretamente por sua postura e ela desconfiava que, em alguns momentos, silenciosamente, ele até a protegeu em situações mais duras. Mércia nunca deixou de visitá-lo, abraçar sua esposa e filhos, mas política não era pauta nesses encontros.

Mércia, mesmo após a anistia, mesmo após o fim do regime militar no Brasil, continuou a sua peregrinação pelos direitos humanos, pelo direito de cada um que pudesse se sentir, de algum modo, privado dele. E Mércia, para mim, nunca foi menos do que uma heroína.

Formei-me em Direito, mas já estava apaixonada por outra profissão: jornalismo. E a troca foi tranquila, com a validação de Mércia. Durante o tempo em que morei com ela, em Brasília, sua trajetória me serviu para ilustrar muitas das reportagens que fiz tentando resgatar a dignidade dos covardemente presos, torturados e mortos pelo governo militar brasileiro.

Mércia era íntegra. Inteira. Religiosa, muito família, amparava irmãos, sobrinhos, primos, tias e tios. Era também divertida, gostava de música clássica, MPB e Bossa Nova. Apreciava um vinho, acompanhado de queijo gorgonzola e boas conversas. Era leitora compulsiva. Escrevia muito. Gostava de presentear. Era comum ela me ligar e dizer que tinha me enviado um presente, um livro, uma joia, uma roupa. E preocupava-se com a saúde de todos, através de bilhetes carinhosos nos incentivando a atividades físicas, alimentação saudável e bom humor.

Era também vaidosa, gostava de se vestir bem, estar sempre com os cabelos arrumados e um batom vermelho nos lábios. E por onde passava, falava sobre seus amores: Otávio, seu marido, companheiro, parceiro, cúmplice, e Aradin, seu único filho. Tinha em casa Maria, que era uma filha para Mércia. E havia, sim, havia muita gente agregada. O apartamento de Mércia estava sempre de portas abertas para muita gente, pessoas que ela conhecia em seu dia-a-dia, parentes, gente com fome, todos iam se chegando, ficando, se tornando de casa.

Um legado de coragem, de vida, de amor e de história de cidadania, a Dra. Mércia Albuquerque deixou para o Brasil.





Não durmo, nem espero dormir.

Nem na morte espero dormir.

Espera-me uma insónia da largura dos astros,

E um bocejo inútil do comprimento do mundo.

Não durmo; não posso ler quando acordo de noite,

Não posso escrever quando acordo de noite,

Não posso pensar quando acordo de noite —

Meu Deus, nem posso sonhar quando acordo de noite!

Ah, o ópio de ser outra pessoa qualquer!

Não durmo, jazo, cadáver acordado, sentindo,

E o meu sentimento é um pensamento vazio.

Passam por mim, transtornadas, coisas que me sucederam —

Todas aquelas de que me arrependo e me culpo —;

Passam por mim, transtornadas, coisas que me não sucederam —

Todas aquelas de que me arrependo e me culpo —;

Passam por mim, transtornadas, coisas que não são nada,

E até dessas me arrependo, me culpo, e não durmo.

Não tenho força para ter energia para acender um cigarro.

Fito a parede fronteira do quarto como se fosse o universo.

Lá fora há o silêncio dessa coisa toda.

Um grande silêncio apavorante noutra ocasião qualquer,

Noutra ocasião qualquer em que eu pudesse sentir.

Estou escrevendo versos realmente simpáticos —

Versos a dizer que não tenho nada que dizer,

Versos a teimar em dizer isso,

Versos, versos, versos, versos, versos...

Tantos versos...

E a verdade toda, e a vida toda fora deles e de mim!

Tenho sono, não durmo, sinto e não sei em que sentir

Sou uma sensação sem pessoa correspondente,

Uma abstracção de autoconsciência sem de quê,

Salvo o necessário para sentir consciência,

Salvo — sei lá salvo o quê...

Não durmo. Não durmo. Não durmo.

Que grande sono em toda a cabeça e em cima dos olhos e na alma!

Que grande sono em tudo excepto no poder dormir!

Ó madrugada, tardas tanto... Vem...

Vem, inutilmente,

Trazer-me outro dia igual a este, a ser seguido por outra noite igual a esta...

Vem trazer-me a alegria dessa esperança triste,

Porque sempre és alegre, e sempre trazes esperanças,

Segundo a velha literatura das sensações.

Vem, traz a esperança, vem, traz a esperança.

O meu cansaço entra pelo colchão dentro.

Doem-me as costas de não estar deitado de lado.

Se estivesse deitado de lado doíam-me as costas de estar deitado de lado.

Vem, madrugada, chega!

Que horas são? Não sei.

Não tenho energia para estender uma mão para o relógio,

Não tenho energia para nada, para mais nada...

Só para estes versos, escritos no dia seguinte.

Sim, escritos no dia seguinte.

Todos os versos são sempre escritos no dia seguinte.

Noite absoluta, sossego absoluto, lá fora.

Paz em toda a Natureza.

A Humanidade repousa e esquece as suas amarguras.

Exactamente.

A Humanidade esquece as suas alegrias e amarguras,

Costuma dizer-se isto.

A Humanidade esquece, sim, a Humanidade esquece,

Mas mesmo acordada a Humanidade esquece.

Exactamente. Mas



equipe

com: Andrea Beltrão direção: Yara de Novaes
dramaturgia: Silvia Gomez cenografia: Dina Salem
Levy desenho de luz: Sarah Salgado e Ricardo
Vívian figurinos: Marie Salles criação e operação
de trilha sonora: Chico BF desenho de som: Arthur
Ferreira assistente de direção: Murillo Basso
assistente de cenografia: Alice Cruz assistentes de som:
Caniggia e João Mattos operador de luz: Wallace
Furtado contrarregra: Nivaldo Vieira cenotécnico:
Riquinho produção de figurinos: Fernando Átila
camareira: Conceição Telles costureiras: Marki
Aragão e Lita Assis fotografia: Nana Moraes
fotografia de cena: Nana Moraes e Felipe Ovelha
projeto gráfico: Fabio Arruda e Rodrigo Bleque
| Cubículo assessoria de comunicação: Vanessa
Cardoso | Factoria Comunicação assessoria
de Imprensa: Daniella Cavalcanti comunicação digital:
Bruna Paulin | Assessoria de Flor em Flor
administração do perfil@andreabeltrao.oficial: Rosa Beltrão
produção: Quintal Produções diretora geral:
Verônica Prates coordenadora de projetos: Valenciana
Losada produtora executiva: Camila Camuso
realização: Boa vida e Quintal Produções

agradecimentos

**Ana Cristina, Andréa Pachá,
Anna Van Steen, Antônio, Arthur
Gomez Paiva, Artur, Aura,
Aurora, Beatriz Barros, Bruno
Mascarenhas, Carmem Mirian
Almeida, Clarissa Campolina,
Debora Falabella, Eliane Aquino,
Equipe 15 de natação no mar,
Equipe do Teatro Poeira, Felipe
Cordeiro, Francisco, Gabriel
Fontes Paiva, Gilvan Barreto,
Guilherme Leite (Camisa Santa
Cruz), Helena Vieira, Iza, Jam
da Silva, Jô, João Valaderes,
Jorge, José, Júlio, Laura, Márcio
Bastos, Marilena, Maurício,
Neide, Pedro Rocha, Rafael
Conde, Rafael de Novaes Rocha,
Roberta, Roberto Monte, Rosa,
Samarone Lima, Sara Antunes,
Silvero Pereira e Zilma Fontes.**







Mécia -

Ocorreu-me que a demora na expedição do alvará possa dar-se a alguma resistência. Se isto for o caso, considero emveniente uma denúncia. Não tendo, só a demora, já configura um desrespeito às leis do Supremo, ~~em~~ (um habeas e' sempre remédio urgente).

Vários telefonemas de jornais (e buscando notícias a respeito (isto e' de liberação) têm sido atendidos na secretaria de Casa.

Mando-lhe, para que você e Paulo opinem de ~~uma~~ declarações que poderei prestar ao caso seja solicitado.

Telegrafei hoje para Euzé informando que o alvará e possível viagem só na próxima semana.

Um abraço à advogada do governo

Jaktus



Mércia Albuquerque

Nascida em 1934 em Jaboatão dos Guararapes, Pernambuco, e formada nos anos 1960 pela Faculdade de Direito do Recife, Mércia Albuquerque atuou como advogada de mais de 500 presos políticos durante a Ditadura civil-militar no Brasil, defendendo, entre outras pessoas, nomes como o líder Gregório Bezerra, que foi arrastado pelas ruas de Recife, em 1964, cena que a chocou e a convocou à tarefa de uma vida. Sofreu perseguições, ameaças e prisões, mas seguiu em defesa dos direitos humanos até seu falecimento, em 2003.



[Saiba mais sobre Mércia Albuquerque](http://www.dhnet.org.br/memoria/mercia/multimedia/index.htm)

www.dhnet.org.br/memoria/mercia/multimedia/index.htm

Áudio de Evanir Ferreira extraído de matéria veiculada em 28/12/22 no Jornal da Manhã da TV Bahia

g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2022/12/28/estou-dilacerada-porque-meu-filho-morreu-inocente-diz-mae-de-jovem-baleado-durante-operacao-da-pm-em-salvador.ghtml

Direitos Humanos na internet

www.dhnet.org.br





**Este espetáculo estreou
no Teatro Poeira, Botafogo,
Rio de Janeiro,
no dia 4 de janeiro de 2024.**

LADY

MAMES

THE